

NO CENTENÁRIO DO ESCUDO

Parte II : O último ouro da Monarquia

António Miguel Trigueiros

Introdução

Como é do conhecimento geral e assim consta nos compêndios de economia e de história monetária, a grave crise económica e financeira de 1891 em Portugal provocou profundas alterações no meio monetário circulante. O valor comercial do ouro passou a ser cotado com um ágio sobre o valor legal das moedas (atingiu um máximo de 20% no final do século, estando nos 10% em 1910) o que fez desaparecer da circulação as moedas de ouro portuguesas e inglesas, inviabilizando a continuação da amedação deste metal.

E, de facto, a última era cunhada numa moeda portuguesa de ouro foi 1889, não existindo eras cunhadas posteriores para circulação.

No entanto, alguns autores repararam, como qualquer pessoa poderia ter reparado, que nas estatísticas oficiais publicadas pela nossa casa da moeda em 1910 (1), nos mapas referentes ao ouro amoadado desde Julho de 1855 até 30 de Junho de 1909, lá figura uma rubrica tão estranha quanto perturbadora:

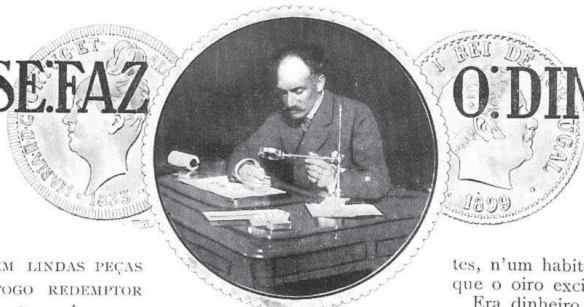
-- no 2.º semestre de 1907 foram amoadados 30,120 quilos de ouro de 917millesimas, que produziram 17 contos de réis de moedas de 5.000 réis.

Perante tal evidência documental, perturbaram-se os historiadores e alteraram-se os ânimos dos economistas. Uns, como o nosso bom amigo e mestre eng. Ferraro Vaz, escreveram nos seus tratados que tal quantia não tinha resultado de uma cunhagem efectiva de ouro, mas apenas de uma simples operação de tesouraria (2).

Outros, mestres universitários, como Jaime Reis, viram nessa modesta cifra a prova provada de que, afinal, a moeda de ouro não tinha deixado de circular depois de 1891 e, por isso, o valor do meio circulante em 1910 era substancialmente superior ao até então por todos considerado, já que tinha que entrar em conta, além das moedas de prata, bronze e níquel, com o valor estimado do ouro amoadado ainda circulante (3).

Eu próprio fiz eco da hipótese de Ferraro Vaz no livro sobre a história do Escudo republicano, nessa altura

COMO SE FAZ O DINHEIRO



COMO SE FUNDEM LINDAS PEÇAS
D'OIRO © O FOGO REDEMPTOR
© D'UNS DOBRÕES JOÃO V Á BARRA
D'OIRO © A ESCORRENCIA LOIRA © O REVIVER DO METAL

Sobre o ferro negro d'uma bigorna luziam os do-
brões d'ouro velho que iam ser fundidos e em volta
os operarios, chegados por essa manhã regelante á
officina da casa da Moeda, olhavam-nos indifferen-

tes, n'um habito, sem os sobresaltos
que o ouro excita.

Era dinheiro antigo, do tempo de
D. João V, rodellas d'effigies apaga-
das, gastas, de tom fosco, com as datas e as legen-
das sumidas pelo trafego de seculos.

Esgarçava-se em frente a bocarra rubra da forja,
immovel e anciosa, como uma guella cõr de chaga,
deixando a passagem rasgada ao cadinho já atulha-
do e cingido pela tenaz rija.

Logo se moveram esfarpadas e palpitantes as lin-
guas de fogo para irem lam-
ber pressurosas o vaso co-
nico onde estava o ouro,
logo se ergueram gulosas
as chammas, ao começo
ageitadas, quasi mimosas,
brandas, n'uma cilada, em
vagares perdidos como os
d'uma turba de cortezãos
curvando-se antes do fes-
tım. O fogo tinha ondula-
ções medidas, subidas do-
ces, depois animava-se
mais, envolvia o cadinho e
dentro em pouco aquellas
moedas, como n'um infer-
no, igualitavam-se, deixa-
vam a rijeza, amollentavam-
se, perdiam as effigies e
eram uma pasta a que o
lume se misturava revoltó
e vermelho.

Para aquillo tinham sido
assignados decretos e hou-
vera impostos fortes, ti-
nham-se gravado perfis al-
tivos e falsos de reis; olhos
afeitos á pureza se habitua-
ram ao vicio, mineiros ago-
nisaram, ministros organi-
saram orçamentos, povos
gemeram, exercitos galga-
ram placidas fronteiras e
navios combateram nos ma-
res. Para que?! Se todo o
odio humano era aquillo—
esse ouro — agora feito uma
escorrença loira e grossa,
pesada, quente e forte que
os operarios moviam ao
pegarem com as tenazes
nos cadinhos para os va-
sarem nas rilheiras de fer-
ro enfileiradas defronte
das bigornas. E faziam
aquillo sem respeito, como
coveiros tomando o corpo
diluido de um soberano,
materia desfeita, sem o



Fornos de recoito

fazia-me impressão que tivesse havido tal cunhagem em 1907, e acatei a opinião do mestre (4).

Mas a realidade é outra: -- houve de facto uma amoedação de ouro nos primeiros meses de 1907, com metal existente na Moeda, recebido em anos anteriores de particulares, de que resultou a produção de 3.400 moedas de 5.000 réis com o busto de D. Luis I e (provavelmente) a última era do seu reinado, 1889.

A comprovação dessa amoedação veio por duas vias: -- a primeira, quando encontramos no arquivo histórico da nossa Moeda o processo que dá conta da transferência para o Banco de Portugal (BdP) dessa moeda cunhada e do restante ouro em barra lá existente; -- a segunda, bem mais interessante, quando consultamos uma colecção de revistas desse período e demos com uma extraordinária reportagem publicada na *Ilustração Portuguesa*, de Março de 1907, a descrever, passo a passo e com reluzentes pormenores, tal cunhagem, feita por fundição de peças gastas de D. João V (com efígie real, logo da série dos escudos, muito embora lhe chamem dobrões).

Espantosa reportagem esta, pensei, totalmente desconhecida do público coleccionador em geral e dos estudiosos da moeda em particular. Chegou então agora o momento de a dar a conhecer novamente, como testemunho real e coevo daquilo que de facto aconteceu em 1907: -- a última amoedação de ouro da Monarquia.

A transcrição que fazemos não é

integral, o texto original está tão cheio de rodiguinhos e metáforas que achei por bem não cansar o leitor e ir direito ao assunto. No entanto, devo fazer um aviso: este texto e esse repórter, sem nome, bem merecem uma outra análise, mais do foro sociológico que numismático, bastará atentar nas suas várias comparações com *reis e príncipes, efígies falsas gravadas em moeda, o povo gemendo, os mineiros agonizando, as plácidas fronteiras invadidas por exércitos*, e muito mais, que nos dá conta de que o seu autor utilizou este seu escrito como uma mensagem anti-monárquica, escondida no seu tema pacífico de como se faz uma moeda, poucos anos antes da revolução de 5 de Outubro.

Vale a pena ler esta reportagem, particularmente também pelas gravuras que a ilustram, e ficar a saber que, de facto, o último ouro da Monarquia foi cunhado em 1907.

O último ouro da Monarquia (1907)

COMO:SE:FAZ O:DINHEIRO

COMO SE FUNDEM LINDAS PEÇAS D'OIRO – O FOGO REDEMTOR – D'UNS DOBRÕES JOÃO V À BARRA D'OIRO – A ESCORRENCIA LOIRA – O REVIVER DO METAL

Sobre o ferro negro d'uma bigorna luziam os dobrões d'ouro velho que iam ser fundidos e em volta os operários, chegados por essa manhã regelante à oficina da casa da Moeda, olhavam-nos indiferentes, n'um hábito, sem os sobressaltos que o ouro excita.



Era dinheiro antigo, do tempo de D. João V, rodelas d'efígies apagadas, gastas, de tom fosco, com as datas e as legendas sumidas pelo trafego de seculos.

Esgarçava-se em frente a bocarra rubra da forja, imovel e anciosa, como uma guella cor de chaga, deixando a passagem rasgada ao cadinho já atulhado e cingido pela tenaz rija. (...)

Para aquilo tinham sido assinados decretos e houvera impostos fortes, tinham-se gravado perfis altivos e falsos de reis; olhos afeitos à pureza se habituaram ao vício, mineiros agonisaram, ministros organizaram orçamentos, povos gemeram, exercitos galgaram placidas fronteiras e navios combateram nos mares.

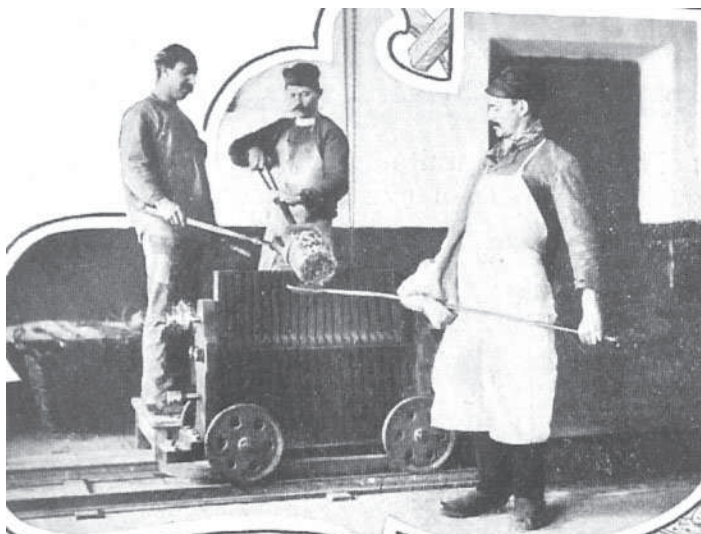
Para quê?! Se todo o ódio humano

era aquilo – esse oiro – agora feito uma escorrença loira e grossa, pesada, quente e forte que os operários moviam ao pegarem com as tenazes nos cadinhos para os vazarem nas rilheiras de ferro enfileiradas defronte das bigornas. E faziam aquilo sem respeito, como coveiros tomando p corpo diluído de um soberano, materia desfeita, sem o cunho que lhe dera prestígio. (...)

A PHENIX DE HOJE – O RECOITO DA BARRA D'OIRO – A LAMINAGEM – OS BANCOS DE AJUSTE – TRISTES RODELAS D'OIRO

Com efeito o oiro, como a Phenix, renascera. (...)

Via-se agora o oiro com o seu tom vivo. A barra larga ia entrar na

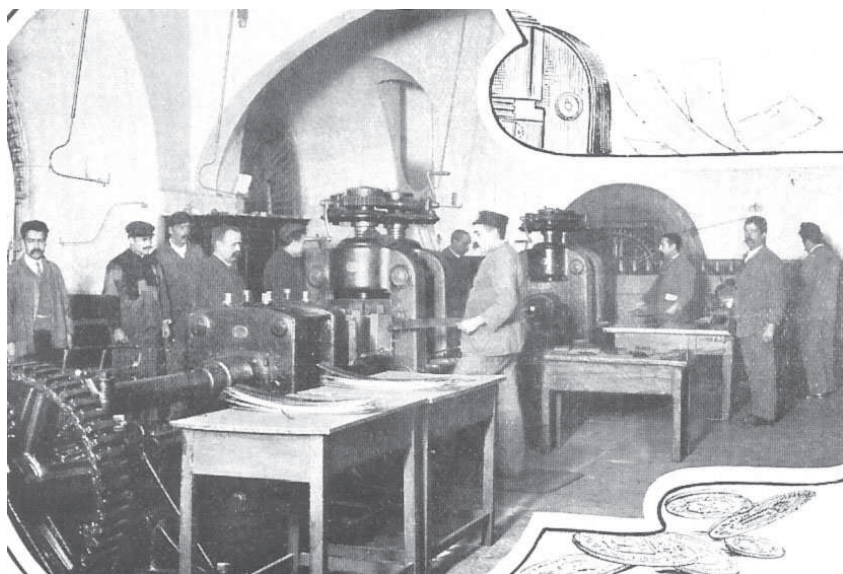


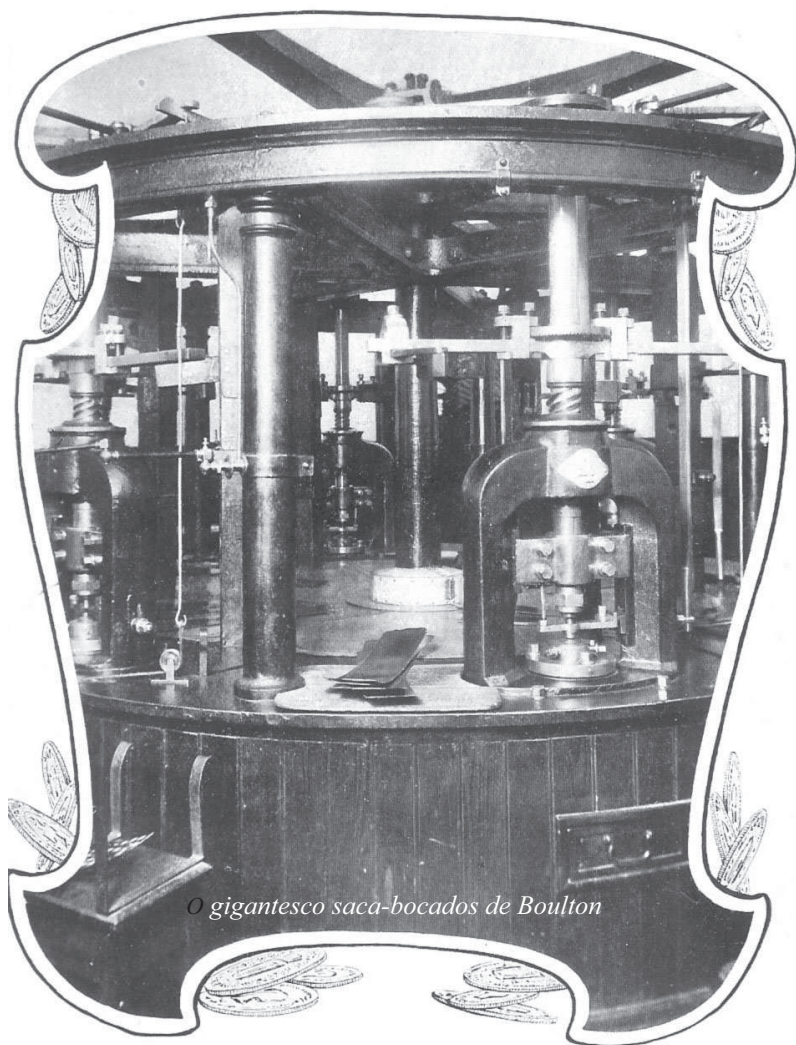
laminagem, passava na máquina sucessivamente a fim de ficar na espessura desejada para se fazer d'ele algumas moedas lindas de cinco mil réis que iriam depois correr mundo, ter a vida aventureira d'esses dobrões d'onde tinham nascido (...)

Estava linda, assim muito igual,

rectangular e sem a menor diferença d'um extremo ao outro e logo a levaram para a outra oficina onde uma grande máquina tomava toda a casa.

Era ali que o oiro ia ser cortado. Os operários faziam subir os braços do colosso e colocavam sob um d'eles





O gigantesco saca-bocados de Boulton

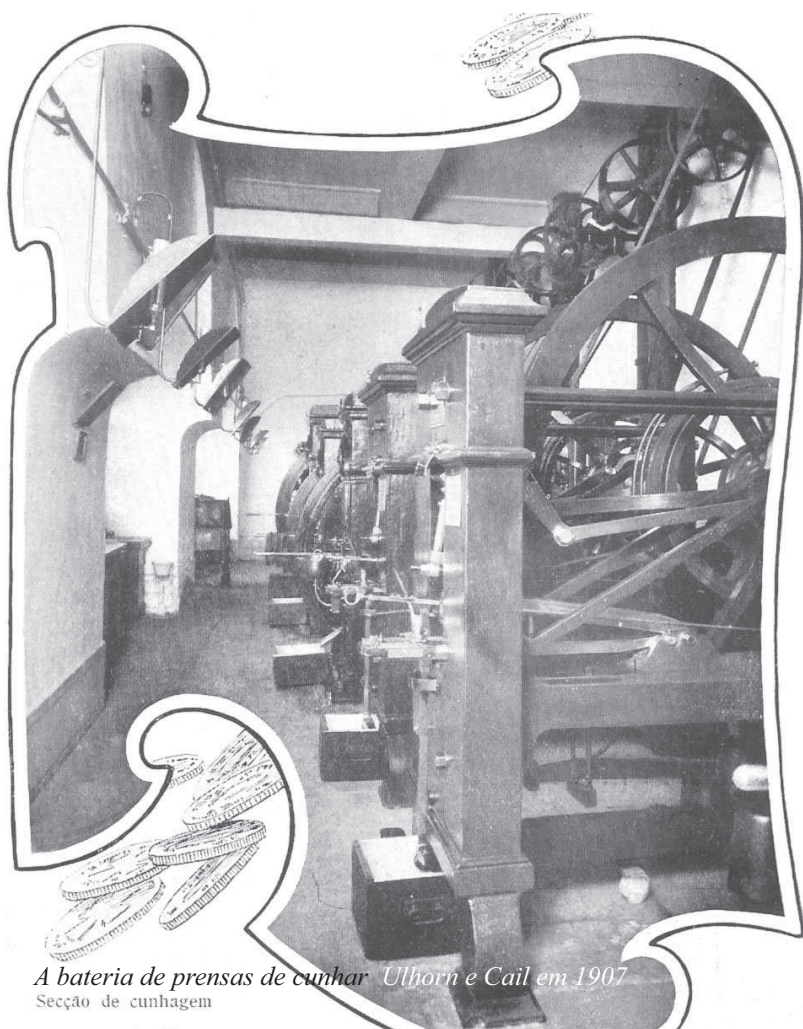
a barra. Os instrumentos que a iam cortar eram como punções concavos que ao descerem esburacavam o ouro e geravam uma rodela do tamanho exacto de uma moeda de cinco mil réis que se desejava.

Sem esforço, apenas n'um leve descer, aquela lamina cortava a barra, deixava cair as rodela e reduzia esse pedaço d'ouro, há pouco tão unido, a um bocado esburacado

a que faltavam, em intervalos iguais, os trechos redondos que seriam logo dinheiro. (...)

A SAGRAÇÃO DO CUNHO –
A SERRILHA – BALANÇA DA
JUSTIÇA – OS ALCHEMISTAS E OS
ANARCHISTAS

Aquelas simples rodela iguais,
do mesmo tamanho e da mesma



A bateria de prensas de cunhar - Ulhorn e Cail em 1907
 Secção de cunhagem

espessura, pareciam banaes, eram apenas palidos bocados d'oiro, faltava-lhes o ar que as torna soberanas: eram como os filhos dos reis, à nascença hora de nascer, desataviados, iguais a todas as crianças que veem ao mundo, podendo trocar-se e confundir-se à falta do característico, à mingua dos atributos que engalanam e simbolizam o convencional poder.

Assim eram, pois, aquelas marcas

redondas, postas n'um montinho, luzidias mas iguais, falhas de grande valor que se lhes ia dar dentro em pouco ao serem revestidas do cunho. (...)

Então iam ser sagradas. Bem pouca coisa era preciso. Iam receber o cunho e diante a singeleza da operação, pensa-se, sem querer, no nada que em boa verdade é esse dinheiro que ergue os homens contra os homens.

Uma rodinha fria e luzente que se coloca n'um prato de máquina sob o cunho gravado com a efígie d'um soberano; debaixo outro cunho com as armas d'uma nação, tudo feito com cuidado em aço forte. Um único operário move o braço da máquina onde está o cunho, deixa-o erguer-se e ele cae, como um carimbo a gravar o ouro; uma lançadeira empurra as rodela, atira-as debaixo do cunho para a boca d'um tubo e elas caem luzidias, já poderosas, n'uma vil caixa de folha, e já serrilhadas, porque, rodeando o carimbo onde estão gravadas as efígies reais, há uma roda dentada e fixa que é a serrilha. A moeda quer alargar pelo esforço do cunho que a chancela e encontra esses dentes unidinhos e eguais que a marcam, a serrilha.

Está feita a moeda. (...) Os alchimistas da idade média anciavam pela descoberta do ouro químico; os anarquistas de hoje pretendem destruí-lo, e tanto uns como os outros caminharam para o mesmo fim, mas por intuítos diferentes. (...)

APEDRADE TOQUE—A CONTAGEM — A MOEDA E A BOCETA DE PANDORA — O OIRO E A SUA ACÇÃO

Tornado já moeda, resta verificá-la. Para isso há uma balança de precisão: n'um dos pratos coloca-se o padrão da moeda, que lhe verifica o peso; no outro o dinheiro, peça a peça, e é a mesma balança que o aparta para três compartimentos diferentes: ao centro fica a moeda de peso exacto,

no d'um lado fica a fraca, no do outro a alta. (...)

Falta-lhe ainda, porém, uma cousa. Desde que tenha o peso precisa ter o toque. Entra então noutra oficina chamada a escolha.

Sobre um grande bocado d'aço deixam-se cair as moedas uma a uma e o ouvido experimentado do operário, habituado ao tinido do oiro, logo que uma desafina n'aquela oiro côro delicioso, expulsa-a, põe-a de lado como indigna d'essa companhia, tão igual, tão distinta, tão poderosa, falando da mesma maneira, no mesmo tom. É como se um revoltado fosse fanhosear tragedias n'uma assembléa de príncipes.

Resta então conta-las. Para isso há uma tábuas do mesmo comprimento e com escarcelas seguidas e eguais para a mesma espécie de moeda. Agarra-se esse punhado d'oiro, lançou-se sobre a táboa, as moeda entraram nas divisões logo que foi sacudida e assim contando a primeira fileira e multiplicando pelo numero de outras se sabe quantas moedas foram cunhadas, quantas têm que ser entregues ao fiel. Depois o director, tirando uma ao acaso, verifica-lhe o toque.

Então esses lindos dobrões de D. João V, que a fundição reduzira a barra, aparecendo agora em moedas de cinco mil réis, vão da tesouraria para a vida.

Abre-se-lhe a porta da Moeda, como a d'umalargaboceta de Pandora, onde todos os males estavam encerrados, elas que antes de dobrões teriam sido outras moedas, agora feitas cinco mil



réis e dispõem-se a continuar como uma dinastia sem fim que reina sobre o mundo. (...) (5)

Uma operação contabilística

A cunhagem destes 17 contos de réis em moeda de ouro, no primeiro



trimestre de 1907, ficou registada nas estatísticas oficiais do 2.º semestre desse ano, quando foram transferidas para o BdP, movimento esse contabilístico de fundos que induziu em erro o nosso eng. Ferraro Vaz.

Transcrevemos o ofício da direcção-geral da Tesouraria, de 28 de Novembro de 1907, que iniciou este processo.

«Tendo o Governo resolvido vender ao banco de Portugal o ouro em barra que se acha nessa administração Geral e depositar no mesmo banco a crédito as moedas de 5.000 r. existentes na mesma Administração, tenho a honra de rogar a V. Exa. que se digne indicar-me o preço legal d'aquela barra, mandando também ensaiar as referidas moedas, para se realizar o citado depósito.»

Deus Guarde a v. Exa. = Direcção Geral da Tesouraria, 28 de Novembro de 1907 = Exmo. Snr. Director da Administração Geral da Casa da Moeda» (6)

Da informação prestada por Casimiro José de Lima (o infortunado director da nossa Moeda, que não aceitou o 5 de Outubro e suicidou-se em 1910), foram entregues logo no dia 30 as moedas de 5.000 réis e uma barra de ouro, com o peso de 28,174 quilogramas, do toque de 916,5 milésimas e com o valor legal de 15.886\$076 réis, totalizando um depósito no BdP no valor de 32,886 contos de réis (equivalentes a 98,6 mil contos de 2000, ou 493,3 mil euros).

Foi esta saída de fundos que ficou registada nas estatísticas do ouro amoeado, no 2.º semestre de 1907. Mas as 3.400 moedas de 5.000 réis com o cunho de D. Luís I, misturaram-se com as outras em poder do banco e delas nunca mais ninguém ouviu falar.

São moedas de 1889, talvez, mas são as últimas que a Monarquia cunhou; de facto, as últimas de ouro que se cunharam em Portugal, como espécie circulante.

NOTAS:

(1) Casa da Moeda – *Estatística Geral da Casa da Moeda e Papel Selado, 1852-1852 / 1908-1909*, Lisboa, 1910. Mapas 1 e 2 (Mapa geral do ouro que se tem amoeado desde 1855 até 30 de Junho de 1909)

(2) Ferraro Vaz, Joaquim – *Catálogo das Moedas Portuguesas, Portugal Continental 1640-1948*, ed. do autor, Lisboa, 1948. A estatística das moedas cunhadas tem início a p. 229, onde consta em nota de rodapé n.º 3 à amoeação de 1907: «Não se lavrou moeda de ouro nesta data: os números mencionados na estatística da Casa da Moeda correspondem a um movimento de moedas em depósito»

(3) Reis, Jaime – *A Evolução da Oferta Monetária Portuguesa 1854-1912*, BdP, col. “História Económica”, n.º 3, Lisboa, 1990

(4) Trigueiros, António Miguel – *A Grande História do Escudo Português*, Philae, Lisboa, 2003(2004), p. 53, nota 21

(5) *Ilustração Portuguesa*, III vol., n.º 54, Lisboa, 4 de Março de 1907, pp. 276-282 (com 13 ilustr.)

(6) AHCM, *Moedas, 1907-1908, maço 33, processo n.º 53*: transferência do ouro em barra e em moeda, no valor de 32:886\$078 réis, existente n'esta Casa (Novembro 1907)